

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação
Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória
(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07	Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09	Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19	Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27	Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, Nº48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35	Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41		



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA

Nelson Cabaço¹
Marina Lourenço¹
Rodrigo Banha da Silva²

Resumo:

Entre outubro de 2015 e julho de 2016, nos n.ºs 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão, foi intervencionado um espaço de necrópole que vem contribuir de forma muito significativa para o estado atual dos nossos conhecimentos relativos à ocupação romana de Lisboa. Uma abordagem mais específica orientada para as suas práticas funerárias e evidências materiais associadas permite o enquadramento deste contexto nos séculos III a inícios do IV d.C., época de importantes transformações na organização urbana de *Olisipo*. Foi neste quadro que foi identificado um compasso associado a um sepultamento, explorando-se aqui esse significativo objecto.

Abstract:

The compass of a roman necropolis area at Portas de Santo Antão, Lisbon.

From October of 2015 until July of 2016, the requalification project on the n.ºs 84 to 90 of Rua das Portas de Santo Antão, in Lisbon, allowed the detection and excavation of Roman funerary contexts. Those contexts enclose a remarkable contribution to our knowledge about the Roman occupation of Lisbon, especially on funerary practices. The archaeological artifacts allowed us to insert these tombs on the 3rd to early 4th cs. A.D., for the most, a period of important transformations of *Olisipo*'s urban organization. It was in this context that a compass was found in association to Grave n.º3, the authors exploring the presence of this significant object.

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da reabilitação do edifício localizado na Rua das Portas de Santo Antão com os n.ºs 84 a 90, em Lisboa, foram executados pela Era-Arqueologia, tendo permitido a identificação de aterros de cronologia moderna/contemporânea relacionados com a construção do edifício, sobrepondo-se a um espaço de necrópole do período Imperial Romano, e níveis de escorrência que continham material enquadrável na Pré-história Recente.

¹ Era – Arqueologia, S.A.

NelsonCabaco@era-arqueologia.pt
marinalourenco@era-arqueologia.pt

² (CAL-CML; FCSH/NOVA e CHAM-FCSH/NOVA e UAç)
rbds@fcsh.unl.pt.



Figura 1 – Localização do Edifício 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa Excerto de CMP:431 Esc.: 1:25000

2. Enquadramento Histórico-Cronológico

No que respeita a intervenções arqueológicas próximas ao local da presente intervenção, importa referir, desde logo, as ações de Irisalva Moita motivadas pelas obras de extensão do metropolitano, em 1960, 1961 e inícios de 1962, no Rossio, na Praça da Figueira e noutros locais das imediações (Moita, 1968).

A riqueza dos vestígios arqueológicos desta zona da cidade era já conhecida, uma vez que em 1953 fora identificada a escadaria da Igreja de Todos-os-Santos na loja “Irmãos Unidos”, que se localizava entre a Praça da Figueira e o Rossio. O Hospital Real de Todos-os-Santos, que funcionou entre os séculos XVI e XVIII, foi erigido a partir de 1492 (final do reinado de D. João II) em terrenos obtidos ao Convento de São Domingos, tendo Moita conduzido uma extensa escavação do remanescente entre agosto e setembro de 1960. O acompanhamento das obras na Praça da Figueira prosseguiu, entre 1961 e o início de 1962, pela mão da mesma olisipógrafa (Idem).

Em 1961 Moita descobriu no subsolo do Rossio uma estrutura de grandes dimensões de época romana, que só em 1994 seria devidamente identificada como a *spina* do circo de *Olisipo*, aquando do retomar das escavações que lhe exumaram também parte da arena (Vale, Fernandes, 2002: 109-121; Sepúlveda, *et al.*, 2002: 245-246).

Entre os anos 1961 e 2002 foi identificada a Necrópole Noroeste de *Olisipo*, dispersa por uma área que abrange desde a Praça da Figueira ao Largo de São Domingos, Encosta de Santana e Calçada do Garcia. Irisalva Moita recolhera, em 1961, de forma avulsa, epigrafia funerária e artefactos provenientes de sepulturas de incineração romanas, tendo-lhe permitido assinalar um total de vinte e seis cremações, para tomar a iniciativa de uma primeira escavação em cinco dias de fevereiro de 1962 (Silva, 2005: 9-10), uma vez que os trabalhos desenvolvidos até então no quadro da extensão da rede do metropolitano eram somente de acompanhamento (Vale, Fernandes, 2002: 109-121).

A partir dos inícios de fevereiro de 1962 procedeu-se ao salvamento do remanescente da necrópole romana, agora mediante uma escavação arqueológica, sistemática, dirigida por Fernando Ferreira Bandeira (Silva, 2005: 10). No seguimento destes trabalhos foi possível identificar uma via romana, em torno da qual se organizava a necrópole (Silva, 2005, 2012). As escavações arqueológicas permitiram ainda a identificação de estruturas de dois monumentos, a este da via, e de outros compartimentos, a oeste, como diversos contextos funerários de incineração e inumação (Idem).

Entre 1999 e 2001, no âmbito da construção do parque de estacionamento subterrâneo da Praça da Figueira, procedeu-se à escavação integral desta área, trabalhos a cargo do Museu da Cidade de Lisboa sob a direcção de um dos autores (RBS), pontualmente coadjuvado por Marina Carvalhinhos.

Desta escavação resultou a identificação de cinco grandes momentos cronológicos no espaço: o Hospital de Todos os Santos (Época Moderna), a ocupação da Baixa Idade Média, as ocupações do período de dominação islâmica, os níveis romanos e da Antiguidade Tardia e, por fim, da Idade do Bronze Final.

Embora não tenha sido então possível determinar a extensão original da necrópole, a intervenção permitiu entrever um limite mínimo a norte, tendo por base as sepulturas e epígrafes exumadas no Largo de São Domingos nos finais do séc. XIX, e as sepulturas identificadas seguramente antes de 1870 na Calçada do Garcia, porventura nos meados daquele século. (Silva, 2002). A sul, a intervenção de 1999/2001 pode apenas comprovar a continuidade do espaço funerário para além da “zona mediana da praça atual”, visto estar circunscrita à estrutura do parque em construção.

Limitada a oeste pelo circo, a necrópole desenvolvia-se em torno da via antes identificada por Bandeira Ferreira em 1962, e de um divertículo para nascente que percorria a meia encosta nascente da Colina de Santana (Muralha *et al.*, 2002), à qual estariam associadas as sepulturas da Calçada do Garcia, bem como outras datadas dos séculos I ao III/IV d.C., reveladas nas escavações da Encosta de Santana em 2002 (Idem) e, depois, aquando da retoma das escavações em 2004 (agradecemos a informação aos responsáveis, Manuela e Vasco Leitão). Este caminho secundário estaria ligado à “Via Norte” na zona do actual Largo de S. Domingos.

A “Via Norte” seria o eixo estruturante da própria necrópole, tendo sido observada uma hierarquização do próprio espaço funerário em função da proximidade a este caminho principal (Silva, 2005, 2012).

As escavações da Praça da Figueira de 1999-2001 permitiram definir cinco momentos distintos para o período romano e da Antiguidade Tardia, definidos pelo carácter da ocupação do espaço (Silva, 2005: 38-58):

1ª Fase – Verifica-se a presença predominante de materiais líticos e cerâmicos quer da Idade do Bronze Final, mas também da Idade do Ferro, mas a ocorrência de um fragmento de parede de cerâmica campaniense A remete esta primeira cronologia da ocupação romana do espaço para os séculos II ou I a.C., já dentro do período de dominação romana de *Olisipo*.

2ª Fase – período de “instalação do primeiro urbanismo alto imperial”, verificando-se uma maior dinâmica na estruturação do espaço, que se caracteriza principalmente pela construção da primeira pavimentação da “Via Norte” de *Olisipo*. Foi também identificada a oeste uma outra via perpendicular à anterior, de carácter secundário, que serviria mais tarde de acesso ao circo e a outras estruturas, e um muro que delimitaria a Norte esta via de menor entidade, com uma construção semelhante aos primeiros muros encontrados a ladear a via principal.

3ª Fase – Corresponde aos espaços de utilização funerária intensiva, junto à “Via Norte”, desenvolvendo-se de uma forma estruturada em seu redor. Esta fase equivale ao funcionamento da necrópole “monumentalizada”, causa de um fenómeno de transformação do ritual da morte ocorrido a partir dos finais da República em muitas cidades da Hispânia em finais do período Republicano, mas principalmente no início dos principados dos Júlios-Cláudios, elemento que remete os inícios da necrópole para o principado de Cláudio (Silva, 2012).

A “Via Norte” seria a linha estruturante da necrópole, à exceção dos sepultamentos junto da “entrada porticada” e do muro. Apesar da inumação ser praticada em *Olisipo* nos finais do século I a.C. e primeiras décadas do I d.C., fenómeno observável na necrópole da Rua dos Correeiros, na “Necrópole NO” da cidade a prática da incineração era aparentemente exclusiva no séc. I d.C. É ainda de referir a utilização constante de alguns edifícios funerários até ao século III d.C.

Num segundo momento, entre os séculos II e III d.C., ocorre um período de acentuação desta monumentalidade na zona da Praça da Figueira, uma ocorrência que tem lugar nas cidades mais romanizadas do ocidente. Ocorre também uma reorientação do troço sul exumado da “Via Norte” (inclinação mais a 30° a NO). É ainda de salientar o encerramento da via secundária com um portão duplo e ferrolhos já no século III d.C., um condicionamento que poderia estar associado à acessibilidade ao circo.

4ª Fase – é um período de “desmonumentalização” da necrópole resultante de ações intensivas e sistemáticas de roubo de pedra, relacionáveis com a construção de um novo sistema defensivo urbano, levando à destruição das arquitecturas funerárias. Tratou-se de um fenómeno rápido, que alguns numismas em estratigrafia permitiram definir o ano de 270 d.C. como data inferior para o seu início, sendo outro indicador de abandono destas estruturas o *bustum* encontrado no centro da via secundária e assinalado com um silhar estucado, exemplo da desativação deste caminho. O espaço continua, todavia, a ser utilizado como espaço funerário, com vários exemplos de cremações e inumações, as últimas amplamente predominantes, provavelmente ao longo do séc. IV d.C.

5ª Fase - esta fase corresponderá ao abandono gradual e lento desta área como espaço de necrópole, numa data imprecisa ainda no século IV d.C. Esta fase da Época Tardo-Romana/Antiguidade tardia corresponderá ainda, nas etapas mais avançadas, ao abandono do próprio espaço da Praça da Figueira, embora tenham sido identificadas seis sepulturas de inumação, maioritariamente de infantis, ainda que dispersas e dissociadas entre si. A cronologia, destas sepulturas é indeterminável, dada a inexistência de espólio associado.

Nesta última fase se integra ainda a última reforma efetuada à “Via Norte”, a qual terá ocorrido nos finais do séc. IV d.C. ou inícios do século V d.C., de acordo com dois numismas de Arcádio (385-409 d.C.) exumados sob o novo pavimento,

em ambos os troços escavados a sul e a norte da Praça. Esta via foi sobreposta por finas camadas areno-argilosas, com poucos materiais, que, contudo, sugerem a utilização do espaço ainda como trajeto viário. Correspondendo a toda a área escavada, foi identificada uma unidade estratigráfica uniforme, correspondente a um período deposicional lento, que indicia o momento de definitivo abandono do local, tratando-se do último registo assimilável a estes períodos (Silva, 2005, 2012).

3. Caracterização do núcleo da Necrópole das Portas de Santo Antão e o ritual funerário documentado

O espaço de necrópole revelou 9 sepulturas e uma estrutura que possivelmente teria também função funerária.

Do ponto de vista estrutural os contextos funerários podem ser divididos em dois grupos: sepulturas em covacho alongado (Sepulturas 1,2,5,6 e 9) e sepulturas estruturadas (Sepulturas 3, 4, 7 e 8).

No que concerne às sepulturas estruturadas, estas podem ser divididas em: as que possuíam coberturas com *lateres*, a formar duas águas (Sepulturas 3, 7 e 8), e as de cobertura realizada com pedras de pequena a média dimensão que cobriam *lateres* dispostos em V (Sepultura 4). Menciona-se, ainda, que as sepulturas 4 e 7 apresentavam características das suas paredes internas distintas relativamente às restantes. A sepultura 4 apresentava as paredes totalmente revestidas com um reboco de cal, branco; já a sepultura 7 apresentava as suas paredes revestidas a argamassa, formando uma pequena “caixa”.

No que se refere ao ritual funerário, podemos inferir que 5 dos indivíduos (sepulturas 1, 2, 5, 6 e 9) teriam sido inumados dentro de ataúdes de madeira, considerando a disposição e a existência de pregos de grandes dimensões no interior das sepulturas, tendo-se o esquite desintegrado ao longo do tempo.



Figura 2 – Tipologia das Sepulturas Estruturadas com cobertura (à esquerda – Sepultura 3 e ao centro – Sepultura 4) e em Covacho (Sepultura 2). Destaca-se ainda a presença de estuque branco nas paredes interiores da Sepultura 4 (ao centro).

4. A Sepultura 3 – o contexto de proveniência do compasso

A sepultura no qual estava presente o compasso, a nível estrutural era composta por uma cobertura de pedras calcárias de pequena e média dimensão e por *lateres* dispostos na horizontal, ligados por argamassa. Dois outros *lateres* foram colocados na oblíqua na zona da cabeceira, formando parcialmente uma cobertura de duas águas. Em quatro dos *lateres* verificaram-se marcas digitadas que formavam um X nas faces voltadas para o interior da sepultura.

No interior da estrutura estava presente um indivíduo *in situ*, depositado em decúbito dorsal com o crânio em norma anterior descaído sobre o peito, o membro superior direito em extensão ao lado do tronco e o esquerdo flectido sobre o abdómen, com os membros inferiores em extensão. A sua orientação compreendia o crânio para sudeste e os pés para noroeste. Através da avaliação do perfil biológico foi possível determinar que estes vestígios correspondem a um adulto com mais de 30 anos, com características morfológicas do sexo feminino.

O delicado estado de preservação deste indivíduo condicionou a observação de lesões patológicas, tendo sido registada apenas a nível dentário a presença moderada de desgaste. Desta análise destaca-se a existência de hipoplasias lineares do esmalte dentário (HLED) nos FDI 32, 33, 34, 43 e 44. Este tipo de achado consiste em alterações na espessura do esmalte e fornece um registo retrospectivo e longitudinal dos distúrbios de crescimento aquando da formação do esmalte e pode ocorrer devido a stresses nutricionais ou outros tipos de pressão sofrida durante a infância (Neiburger, 1990)



Figura 3 – Sepultura 3 – Topo.



Figura 4 – Indivíduo da Sepultura 3.

Em associação a este indivíduo estava presente um mobiliário constituído por: uma moeda (*antonianus*), um alfinete de cabelo em osso (*acus crinalis*), um anel em prata, um objecto que foi originalmente interpretado como uma pinça em liga de cobre, uma lucerna, um recipiente em vidro muito degradado, inclassificável por isso, um púcaro biansado de corpo bicónico e duas tigelas de bordo em aba extrovertida, os três últimos e a lucerna produções oleiras regionais.

Como se constata, os dados objetivos, em particular os objectos de adorno pessoal (*acus crinalis* e anel- Figura 5), e a análise bioantropológica, são concordantes no que respeita à definição de género feminino do indivíduo inumado.

Já de um ponto de vista cronológico, o restauro promovido pelo Laboratório de Conservação e Restauro do CAL-Centro de Arqueologia de Lisboa permitiu a recuperação dos elementos de caracterização do *antonianus*: trata-se de uma cunhagem do Imperador Galieno (259/260-268 d.C.), de uma espécie do grupo diversificado denominado do «Sétimo Consulado», emissão ocorrida em 266 d.C., no caso enquadrável no tipo RIC.252 (Webb, 1927), e cuja legenda restituída seria, para o anverso IMP(erator) GALL[II]ENV[S] A]VG(ustus) e, para o reverso, PAX AETERNA AVG(usta).

De um ponto de vista da aferição cronológica, a moeda assume especial relevo por fixar um *terminus post quem* para a prática do sepultamento em 266 d.C., data que é concordante com os restantes elementos cerâmicos, nomeadamente a lucerna regional de disco, que tem paralelo em exemplares da Praça da Figueira encontrados em sepulturas das etapas finais da Fase III (Vieira, 2011), como nos restantes elementos vasculares regionais, que encerram paralelo nas produções da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011), em particular o púcaro (ou potinho) (tipo Rouxinol 2.3.4- Santos, 2011: fig. 6), mas também as tigelas de aba extrovertida, de alguma forma evocativas da morfologia Hayes 3C em *terra sigillata* clara africana A que, recorde-se, encerra uma cronologia que se arrasta pelo século III d.C. integrando as “claras A tardias” (Bonifay, 2004). O conjunto

de afinidades cronológicas entre os vários elementos compaginados configuram, portanto, uma cronologia de inícios do último terço do século III d.C. para a prática da Sepultura 3 da Rua das Portas de Santo Antão.

Foi neste contexto que o objeto inicialmente identificado como pinça em liga de cobre (bronze ?), na sequência das ações limpeza que o Laboratório de Conservação e Restauro do CAL, veio a revelar-se como sendo um compasso. Essas mesmas intervenções vieram a revelar, de igual modo, uma série de elementos gravados nas faces externas de ambas as hastes do objecto, cujo significado importa melhor aferir.

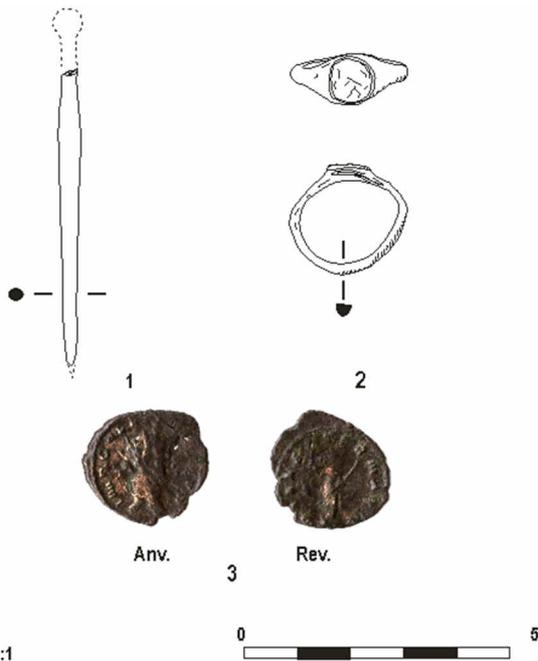


Figura 5 – Alfinete de Cabelo (1), Anel em prata (2) e *Antunianus* de Galieno da Sepultura 3 da Rua das Portas de Santo Antão.



Figura 6 – Conjunto votivo da Sepultura 3.

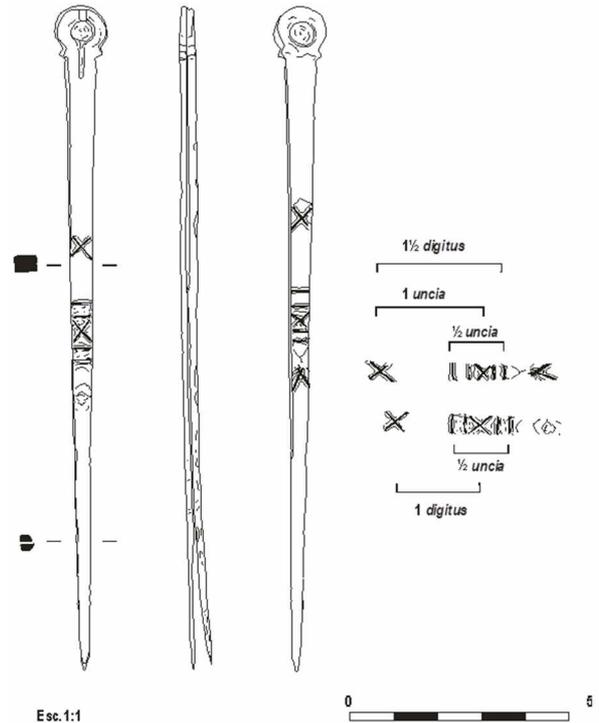


Figura 7 – Compasso da Sepultura 3 da Rua das Portas de Santo Antão e relação e relação eventual das respectivas marcações com unidades métricas lineares romanas.

O compasso é composto por duas peças fundidas individualmente, equivalentes a hastes de cabeça circular vazada, delimitada da perna por aletas laterais triangulares, com a fracção superior da perna de secção retangular e as zonas terminais de secção semicircular. Do perne que unia originalmente ambas as peças resta somente a parte terminal em liga de cobre. Uma marcação axial mesial para marcação do encaixe do perne encontra-se gravada numa das cabeças de haste. Em ambos os lados externos das pernas, nas zonas planas, encontram-se gravações produzidas no metal, usando cruces (X) e conjuntos de dois traços perpendiculares à perna (II) enquadrando uma cruz (IIII). Estes últimos elementos não encerram com precisão as mesmas medidas máximas externas (1,44 cm e 1,24 cm), como é desigual de uma haste para a outra a distância das zonas terminais do conjunto de traços e cruz em relação à cruz isolada mais próxima da cabeça do compasso.

Marcações geométricas com estas características encontram-se também noutros compassos, e a despeito de não nos ter sido possível efectuar uma pesquisa mais aturada, que decerto revelaria um mais amplo número de exemplares, merecem referência especial um exemplar de Conimbriga encontrado nos níveis contemporâneos das Termas de Trajano (Alarcão *et al.*, 1979: 16-17, Pl.I, n.º 1), para o qual os autores apontam um outro paralelo em Tingewick (Buckinghamshire) (Alarcão *et al.*, 1979: 16, nota 13), a que se podem acrescentar outros entretanto

publicados, como os do sítio de L'Auditorium, de Bordéus, datável da segunda metade-finais do séc. I d.C. (Raux, 2016), da Insula 31 de Augst, de cronologia próxima (Fünfschiling, 2012: 229, n.º 286, pl. 10 apud RAUX, 2016: 42), Verona (Ciarallo, Carolis, 1999: 128 e 309), Roma e Pompeia, neste último caso dos contextos de entre o terramoto de 64 e a erupção de 79 d.C. (Di Pasquale, 1994: 640 e segs.; Ruggieri, 2017: 19).

Independentemente das diferenças cronológicas ou até formais entre o exemplar oriundo do contexto funerário lisboeta e o seu congénere lusitano ou os restantes mais distantes, resulta evidente que este tipo de marcações não encerra somente significado decorativo. A relação métrica das marcações neste tipo de objecto foi sugerida já pelos autores das Fouilles de Conimbriga, que a associam ao trabalho artesanal, seja da argila, pedra, madeira, osso, metais ou estuque/pintura, sendo assinalada a relação das marcações, como dos entalhes presentes somente no exemplar conimbricense, com unidades lineares romanas, nomeadamente o digitus e a uncia (Alarcão *et al.*, 1979: 16-17). Esta mesma leitura seria mais recentemente retomada para os exemplares italianos cotejados, mas deve-se a Stephanie Raux a abordagem mais profunda ao tema: tomando como exemplo os exemplares de Bordéus e Augst, a investigadora demonstra que as marcas traduzem de forma muito aproximada múltiplos e submúltiplos de ambas as medidas mencionadas: 1 uncia, 1 ½ uncia, 1 digitus, 1 ½ digitus, ½, 2/3 e ¼ de digitus (Raux, 2016: 43 e fig. 4).

No que se refere ao exemplar recolhido na Sepultura 3 da Rua das Portas de Santo Antão, é possível relacionar de forma exacta, ou muito aproximada, à uncia e ao digitus, ao 1 ½ digitus (este menos provável) e à ½ uncia (Fig.5). Não existindo relação directa da abertura do compasso com as marcações, como também assinala Raux, este tipo de objectos seriam empregues também como régua-bitola (Raux, 2016: 43-45). Sendo os compassos instrumentos de medida eles próprios, pois servem para estimar intervalos e distâncias, as indicações neles gravadas constituem, portanto, uma evidência inequívoca do seu carácter também metrológico, como é o carácter do instrumento lisboeta.

5. Considerações finais

Os escritores latinos (Ovídio, Higino, Isidoro de Sevilha) atribuem a criação do compasso ao jovem sobrinho do inventor Dédalo, Perdix (ou Talón, por aquele depois assassinado com receio de o seu génio ser suplantado): “foi ele o primeiro a prender duas hastes de ferro por um só eixo, de modo a que, mantendo uma distância fixa, uma ficasse imóvel, a outra descrevendo um círculo” (Ovídio, *Metamorphosis*, VIII, 244 e segs- Alberto, 2007: 245). Uma outra versão helénica mais antiga recolhida na Bibliothêkê, obra de colecção mitológica do “Pseudo-Apolodoro de Atenas” e cuja redacção a crítica histórica coloca nos sécs. I-II d.C. (Diller, 1935: 296-300), atribui a invenção a Talón, autómato em bronze que protegia e guardava Europa circulando três vezes ao dia a Ilha de Creta, assimilando numa mesma tradição mítica narrativas díspares.

O compasso enquanto objecto tem, todavia, uma origem bem mais recuada, directamente relacionável com a necessidade de instrumentos de precisão (que implicam de igual modo a régua e o esquadro), por força dos desenvolvimentos da geometria plana e dos pressupostos de exactidão no desenho, medição e cálculo. Por esta razão, aplicações práticas do compasso foram assimiladas à Idade do Bronze Médio na Europa Ocidental (Gómez de Soto, Picod, 2004), muito embora seja nos traçados arquitectónicos e da agrimensura da Antiguidade Pré-Clássica (Egipto, Mesopotâmia e Indo) que se deverá procurar o seu uso mais extenso e sofisticado, num quadro matemático de bem maior complexidade.

Uma maior extensão da aplicabilidade do compasso está directamente conectada com os desenvolvimentos filosóficos do pensamento grego, em particular da escola pitagórica e suas repercussões ulteriores, particularmente a integração num todo coerente da racionalização matemática e de um misticismo-religiosidade de cariz oriental, cabendo à matemática (termo que aliás surge neste contexto) um papel crucial, dado que “a matemática é o alfabeto com o qual os deuses escreveram o universo”. Como consequência, o desenvolvimento dos princípios e pressupostos da geometria plana alastrar-se-iam na Antiguidade Clássica às mais variadas *ars* e *techne*, e o papel dos instrumentos de precisão (compasso, régua e esquadro) sobrepassou o desempenhado em áreas de cariz mais “técnico-científico”, como a geonomia, arquitectura, agrimensura e construção naval, para integrar os quotidianos artesanais e manufactureiros em áreas como as da olaria, escultura, lapidária, cantaria, o trabalho do metal (incluindo a ourivesaria e a bijuteria), do osso, da madeira (incluindo a marcenaria) ou as artes decorativas (musivária, estuque e pintura mural).

A extensão do domínio romano comportaria, portanto, a disseminação geográfica do saber matemático e das tecnologias conexas para áreas até então deles desconhecidas. Por essa razão, o compasso faz o seu aparecimento nos contextos arqueológicos, estando repertoriados para o território hoje português exemplares com bem distintas finalidades, como o já antes citado de Conimbriga, um outro elíptico da mesma cidade (Alarcão *et al.*, 1979: 17, n.ºs 1-2), um de Cerro de Guelhim (Faro) (Alarcão, 1997: 89, n.º 7), outro em Quinta da Igreja (Mangualde) (Nóbrega, 2003: 36) e exemplares em ferro do Monte da Falperra (Braga) e da uilla de S.Cucufate (Vidigueira) (Alarcão, 1997: 163, n.º25). A acrescentar à amostra poder-se-ia aduzir a representação de um objecto como ornamentação de um pulvino descoberto em Aldeia de Gagos (Penela) do “que, à primeira vista, se assemelha a um compasso, mas que também pode ser a estilização de um jarro do tipo almotolia” (Carvalho, Encarnação; 2006: 93 e foto 1).

A amostragem portuguesa de compassos de época romana, a despeito de limitada, ilustra bem o quadro artesanal em que este tipo de objectos faz o seu aparecimento, ligados no essencial à construção (marcenaria, talhe de pedra, estucagem ou pintura mural) ou a outras actividades

insuficientemente esclarecidas mas deste âmbito artesanal. Nestes últimos se inserirá o compasso associado à Sepultura 3 da Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, como aquele de Conimbriga que de igual modo ostenta marcações metrológicas. Ora, a circunstância de ostentarem ambos graduações de unidades lineares padronizadas romanas, note-se que as de mais pequena escala (polegada e dedo), e, em sentido diverso, não demonstrarem um elevado rigor e preocupação com essa mesma marcação, sugere domínios artesanais de actividade não demasiadamente precisos, de qualquer das formas actuando sobre objectos de pequena dimensão. No caso do paralelo de Bordéus, o achado foi relacionado por Stephanie Raux com os descartes próximos de uma oficina de talhe de objetos em osso (Raux, 2016: 44-46), e poderá ser essa a explicação para os compassos de Lisboa e de Conimbriga. Como esclarece a investigadora, aquela ligação não é, todavia, categórica (Raux, 2016: 44), podendo aventarem-se aqui outras hipóteses do mesmo modo plausíveis, como o fabrico de elementos de adorno metálicos, incluindo a ourivesaria. Em jeito de conclusão, assoma como aliciante correlacionar a deposição do compasso com a identidade social da mulher adulta inumada, eventualmente uma artesã olisiponense do último terço do séc. III d.C.

Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, A.M. (coord.) (1997)- *Portugal Romano. A exploração dos Recursos Naturais*, Catálogo, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A.M.; PONTE, S. (1979), *Fouilles de Conimbriga* (J. Alarcão e R. Étienne dir.), vol. VII, *Trouvailles Diverses – Conclusions Générales*, Paris, Diffusion E. De Boccard.
- ALBERTO, P.F. (2007) (Trad.), Ovídio, *Metamorfoses*, Livros da Cotovia.
- BONIFAY, M. (2004), *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, Oxford, Archaeopress (Col. British Archaeological Reports, International Series. 1301).
- BRUZEK, J. (2002), "A method for visual determination of sex, using the human hip bone", In: *American Journal of Physical Anthropology*, 117. Hoboken, American Association of Physical Anthropologists, p. 157-168.
- CABAÇO, N.; SARRAZOLA, A.; SILVA, R.B.; CARVALHO, L.; LOURENÇO, M. (2017), "O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa", *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses - Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1243-1254.
- CARVALHO, P.C.; ENCARNAÇÃO, J.D. (2006), "O Monumento Romano da Quinta da Caneca (Salgueiro, Fundão), *Eburobriga. História. Arqueologia. Património. Museologia*, Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão, 4, Fundão, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, p.91-98.
- CIARALLO, A.; CAROLIS, E. de (Eds.) (1999), *Homo Faber, catalogo della mostra*, Milano 1999, Milão, Electra Editore.
- DI PASQUALE, G. (1994), "Studio su un grupo di compassi romani di Pompéi", *Nuncius. Journal of the Material and Visual History of Science*, vol. 9, fasc.2, Florença, Museo Galileo, p. 635-644.
- DILLER, A. (1935), "The Text History of the Bibliotheca of Pseudo-Apollodorus", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, n.º 66, Baltimore, Johns Hopkins University Press, p. 296-313.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKALI, M. (1980), "Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons", *Journal of Human Evolution*, 9 (7), Elsevier, p. 517-549.
- FÜNFSCHEILING, S. (2012), "Fünfschilling, Schreibgeräte und Schreibzubehör aus Augusta Raurica", *Jahresberichte aus Augusta Raurica*, 33, Augst, Museum Augusta Raurica, p. 163-236.
- GÓMEZ DE SOTO, J.; PICOD, C. (2004), "Utilisation d'un système tournant et du compas au début du Bronze moyen en Extrême Occident : les éléments de harnachement de la grotte des Perratsà Agris (Charente)", In : Michel Feugère, Jean-Claude Gerold (dir.), *Le tournage, des origines à l'an Mil. Actes du colloque de Niederbronn*, octobre 2003. Drémil-Lafage, Éditions Monique Mergoil (Col. Monographies Instrumentum, 27), p. 37-42.
- HAYES, J.W. (1972), *Late Roman Pottery*, Londres, British School at Rome.
- ISINGS, C. (1959), *Roman glass from dated finds*, Groningen e Jacarta, Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico (col. Archaeologia Traiectina, II).
- MACLAUGHLIN, S. M. (1990), "Epiphyseal Fusion at The Sternal End of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample", *Antropologia Portuguesa*, 8. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra, p. 59 - 68.
- MOITA, I. (1968), "Achados de época romana no sub-solo de Lisboa", *Revista Municipal*, Ano 19. N.ºs 116-117, Lisboa: p. 33-71.
- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2002), "Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa)", *Al-Madan*, 2ª série nº 11, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, p. 245-246.
- NEIBURGER, E. J. (1990), "Enema Hypoplasia: Poor Indicator of Dietary Stress", *American Journal of Physical Anthropology*, vol.82, nº2. Hoboken, American Association of Physical Anthropologists, p. 231-233.
- NÓBREGA, P.P. (2003), *Presença Romana nos Concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
<https://issuu.com/pedropinanobrega/docs/tampr> [Consultado a 16.06.2019]
- QUARESMA, J.C. (2012), *Economia Antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra Sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga ?)*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (col. Estudos & Memórias, 4).
- RAUX, S. (2016), "Jambes de compas du Haut-Empire portant des graduations de mesure : un exemplaire sur le site de l'Auditorium à Bordeaux (F, Gironde)", *Bulletin Instrumentum*, 43. S/I, Association Instrumentum, p.42.
- RIBEIRO, I.S.A. (2010), *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- RUGGIERI, N. (2017), "Macchine, strumenti, utensili e attrezzi di cantiere a Pompéi nel I secolo d.C.", *Bolletino Ingegneri*, 9-10, Florença, Collegio degli Ingegneri della Toscana srl, p.16-28.
- RÜTTI, B. (1991), *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*, vol. II, Katalog und Tafeln. Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft (col. Forschungen in Augst, 13).
- SANTOS, C.R. dos (2011), *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- SARRAZOLA, A.; CABAÇO, N.; REIS, H.; LOURENÇO, M. (2017), *Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos, Projeto de Requalificação Urbana Intervenção Arqueológica Rua das Portas de Santo Antão 84/90 Lisboa*, Cruz Quebrada, ERA Arqueologia (policopiado)
- SEPÚLVEDA, E.; VALE, A.; SOUSA, V.; SANTOS, V.; GUERREIRO, N. (2002), "A cronologia do circo de Olisipo: a Terra

- Sigillata”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.5, fasc.2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p.245-275
- SILVA, R.B. da (2002), “As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo”, *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997), Almada, Câmara Municipal de Almada (col. Monografias Arqueologia), p. 193-205.
- SILVA, R.B. da (2005), *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C.- séc. II d.C.)*, (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana). Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais (policopiado).
- SILVA, R.B. (2012), *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa* (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SMITH, B.H. (1984)- “Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists”, *American Journal of Physical Anthropology*, vol.63, Hoboken, American Association of Physical Anthropologists, p. 39-56.
- WEBB, P.H. (1927), *Roman Imperial Coinage (Harold Mattingly and Edward Allen Sydenham Eds.)*, Vol. V, Part 1, Valerian to Florian. Londres, Spink and Son Ltd.
- VALE, A.; FERNANDES, L. (2002), “Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa”, *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997), Almada, Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (col. Monografias Arqueologia), p.109-121.
- VIEIRA, V.A.C.N. (2012), *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa: contributo para o conhecimento de Olisipo* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

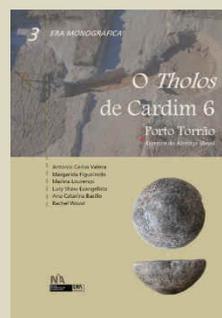
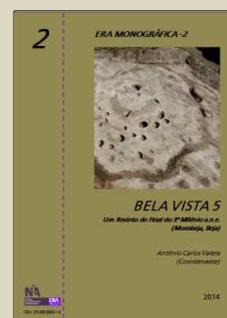
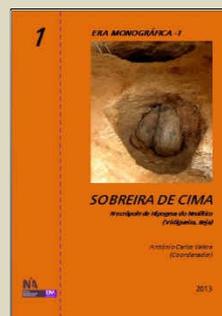
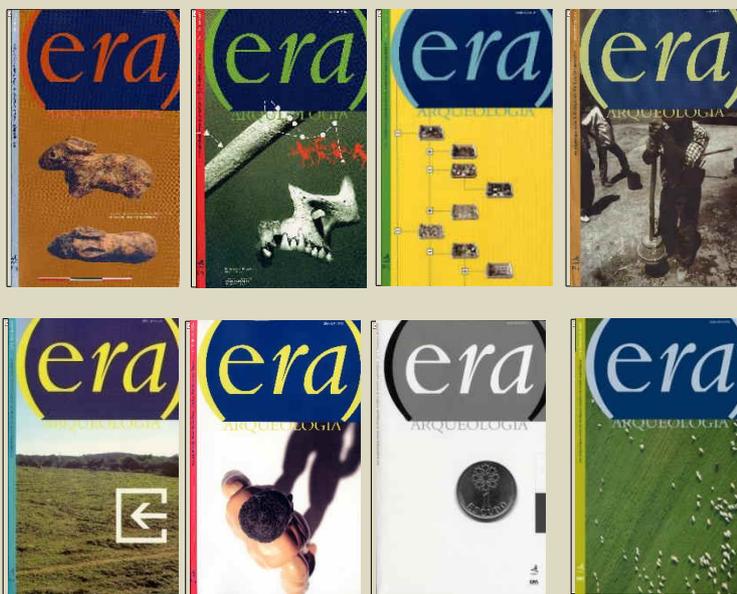
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Monográfica

Três volumes publicados

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro
sobre os moinhos de água
de Alqueva



“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt